



TRIMUNIAL *Live*

4
MAIO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITORA: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTONIO JOSÉ DA COSTA

EDITORA: PAULO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRNÁGS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: LARGO DE OLIVEIRA SALAZAR III 82115 - AMARES

UMA MENSAGEM

Quem tiver assistido à magnífica recepção que Braga prestou, ante-ontem, a Sua Excelência o Senhor Ministro da Presidência e possuir um, ainda que pequeníssimo poder de análise psicológica, terá concluído que algo de novo se passa e que na terra da Revolução acaba de ficar um saudável perfume de Esperança.

Publicamente ninguém tem tido a coragem de dizer que o distrito de Braga vive sob a orientação de uma política que veda a entrada aos novos que cria um vácuo lamentável, aproveitados pelos outros para aumentarem as suas fileiras. Tentemos colher um só ex-

emplo de que um homem de há pouco saído das universidades foi chamado a desempenhar qualquer missão política, e, no entanto, somos todos a concordar que o distrito possui magnífico escol de homens. Os esforços de um ou outro, que sentem a responsabilidade das suas atribuições e tentam chamar ao seio dos organismos os homens novos ou de espírito moço, logo encontram a oposição de quem tenta desconhecer «o cantar do cisne» e se agarra ao bordão da onipotência.

Ao nosso jornal cumpre pela sua índole ser franco e pelo seu arreigado nacionalismo

dizer aos responsáveis o que é vontade geral; e cumpre dizê-lo agora, no limiar de um acto eleitoral, para poder ser analisado com tempo e com eficiência.

O nosso distrito tem, em bom número, presidentes da Câmara que servem proficientemente os seus concelhos e para eles o nosso respeito e admiração. Mas vejamos, que em dez anos as substituições foram tão poucas que se isto servisse de índice, a média geral a atingir seria de vinte anos por cada gestão.

Temo-los admiráveis, do melhor que há no País, mas temo-los que toda a gente reconhece quanto é inerte e até prejudicial a sua acção—e este *toda* inclui os próprios responsáveis pelas soluções—e no entanto as situações mantêm-se.

Temos casos em que é todo um concelho, desde a União Nacional ao povo, a passar pelos organismos locais a pedir a substituição e a indicar como razões, coisas que são reconhecidamente escandalosas, e, no entanto, porque a pessoa quer *servir* a todo o transe vai solicitar a ajuda de um dos tais *omnipotentes* e tudo fica na mesma em proveito do escândalo.

Há situações alarmantemente condenáveis, em que nos não imiscuimos por demasiado pessoais mas que ajudam a um clima prejudicial a que é preciso por cobro.

Ora, quem tenha querido analisar o que se passou ante-

ontem no Bom Jesus do Monte concluirá que estamos no limiar do rejuvenescimento em que de há muito anda empenhado o Sr. Presidente do Conselho e, agora, o Sr. Ministro da Presidência.

O primeiro grito de alarme partiu da imprensa regionalista que conhecendo os problemas locais se não furtou a responsabilidades e entregou a Sua Ex.ª uma bem urdida mensagem em que refere a sua «ânsia de renovação».

Mas que essa ânsia de renovação é geral di-lo a maneira como a assistência recebeu o discurso do muito ilustre e dinâmico Presidente da Câmara de Braga quando defendeu a

necessidade de carinho para com os novos.

Tornou a dizê-lo ao ovacionar as palavras nesse sentido do Sr. Dr. Cerqueira Gomes e, finalmente, ao tributar merecida apoteose ao homenageado que havia tocado auspiciosamente a tecla que está no ânimo de todos os que se preocupam com os problemas sérios.

Não nos passou despercebido e, aliás, a ninguém, a nota agradável de que a sala comportava um número de novos fora do normal.

Também isto é indício agradável, mas só o será inteiramente se em futuro próximo

(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Enam ha hy portagem nem tabaliam nem montados nem manyinhos por que tudo he lsentamente dos moradores da terra. E a pena do foral he tal com em guymaraes em este lugar. Dada em a nossa muy noble e sempre leal cidade de lixboa a oyto dias do mes dabril Anno do nosso sör ihu xpõ de mil e quinhentos e quatorze E vay esqpto ho original em cinco folhas soo escripto e assynado pollo dito fernam de pina.»

Este foral segue-se ao do julgado de Regalados e antes do de Lindoso.

Gado do vento, diz Viterbo, que «nos forais de D. Manuel encontra-se com muita frequência este título, determinando-se quantos dias deviam passar para se reputar perdido e a quem pertencia.

Que a força mesmo da palavra está dizendo que não é o mesmo que **gado invento**, ou achado. Que se chama **gado do vento** o que sem dono ou pastor, anda vagando de uma para outra parte, como folha arrebatada pelo vento, ou mudando-se como o mesmo se muda, seguindo unicamente o instinto que o Autor da Natureza lhe imprimiu».

Em documentos mais antigos, como sejam os forais velhos e os textos das Inquirições, aparecem outros títulos: **omizio**, **rauso**, **aforciamento sterco em boca**, nomes de crimes vulgares e os mais graves e punidos a tal tempo.

* * *

Anteriormente ao Julgado de Bouro, que constituiu um grande distrito e data das Inquirições de Afonso II, como dito é, estas terras estiveram em **tenência** e assim consta da doação do couto ao mosteiro de Tibães pelo conde D. Henrique e rainha D. Tereza, em 1110, em que D. Egas Pais, o que depois fundou o mosteiro de Rendufe, **tinha** Bouro, qualidade de que se mostra autorizado ao confirmar tal doação.

O concelho de Entre-Homem e Cávado foi da corregedoria de Viana e também pertenceu à de Braga e de Regalados; unido ao de Santa Marta de Bouro, tem sido da comarca de Vila-Verde.

Com o de Terras de Bouro, o concelho de Amares já foi uma comarca independente e essa seria a sua mais justa e adequada satisfação, atenta a circunstância de um

(Continua na 6.ª página)

Os iniciados no crime e a campanha de acção social

A evolução social baseada nos princípios cristãos, tem-se feito através dos séculos com mais acentuado progresso em certas épocas e menos destacadamente noutras, mas sempre com tendência ao aperfeiçoamento dos métodos que têm levado a humanidade a usufruir a lei do amor ao próximo, embora com o condicionamento imposto, neste caso particular da prática do crime, pelos preceitos a que obrigam as obras de

misericórdia.

O conceito de «corrigir os que erram» tem sofrido modificações sem conta, e mesmo ainda durante muitos séculos de cristianismo, até à altura em que o Papa Clemente XI, já no início do século XVIII (1704), fundou o Hospício de S. Miguel em Roma, que inspirou a pena de prisão como o melhor meio de punir e corrigir— as penas eram desumanas e podemos afirmá-lo mesmo, anti-cristãos pelo que encerravam de dramática crueldade..

Outra coisa não pode concluir-se das penas da mutilação de membros ou partes do corpo, da condenação às gales, do açute, do trabalho público forçado, do confisco e doutras penas mais leves mas cruéis, sem esquecer, claro está, a pena capital, que infelizmente ainda em nossos dias é adoptada em algumas nações cristãs.

Pode dizer-se que o problema prisional em si, é relativamente moderno, pois na época que antecedeu a genial criação de Clemente XI, relativamente recente, como vimos, o cárcere destinava-se à detenção para julgamento ou pura reclusão até à execução da pena corporal sentenciada.

Depois de termos sido um dos primeiros países a abolir a pena de morte e dar exemplo em muitas outras coisas

(Continua na 4.ª página)

SOMA E SEGUE

A imprensa diária publicou, esta semana, a extensa relação dos melhoramentos a inaugurar no País no dia 28 de Maio próximo.

O nosso distrito lá aparece honrosamente representado a dizer-nos que todos os concelhos, mais ou menos terão a sua obra a inaugurar deixando à posteridade a lembrança do dia em que uma Revolução immortalizou.

Todos os concelhos, escrevemos nós, na sequência de um hábito nacional, esquecendo-nos que o concelho de Amares não terá coisa alguma a inaugurar na sequência de um estado da coisas que clama aos Céus.

Desta inércia já não virá mal ao mundo. Que importa que um concelho, dois ou três, vivam sem nada que os

valorize se a própria Nação viveu neste mesmo estado de coisas tantos anos?

Se tantos homens dominaram uma Nação um sexto de século convencidos que nasceram para mandar, para governar, para serem tidos como seres superiores, que importa que as terras de entre Homem e Cávado, precursoras da Fundação vivam doze anos sob uma gestão quejanda?

O mal não é tão mau como se pinta, e não é, porque as coisas efectivamente de dar na vista que a publicidade tem relatado—e não são todas nem as mais graves—não são acreditadas por muitos por não julgarem possível que tais coisas se possam dar num País dominado por uma política de Verdade.

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA CINEMATOGRAFICA

EDITORIAL

Joshua Logan na batalha do realismo

«PIQUENIQUE» é um daqueles títulos pelos quais se não pode orientar o espectador que tem por costume ir ver uma fita unicamente guiado por esse motivo e pela maior ou menor dose de sugestão que o mesmo lhe possa oferecer. Por causa disso muitos não viram a película, julgando tratar-se de algum «barrete», conforme teriam depreendido pelo título. Há quem precise de títulos bombásticos para se decidir ou a ler um livro, um simples artigo de jornal, ou um filme. Recordamo-nos de determinado filme intitulado *Massacre do rio*, que teve regular concorrência de bilheteira, o qual constitui uma anafada desilusão para essa especial qualidade de cinéfilos que têm por hábito julgarem uma fita pelo título. Se ele há, de facto, certo conteúdo de verdade num título, ele não pode, por si apenas, dizer de uma boa ou má qualidade, de um menor ou alto valor, para o que será necessário atender, em especial, a outros factores, fundamentalmente ao autor.

Por nossa parte não conhecíamos Joshua Logan, autor de «PIQUENIQUE». E talvez por esse motivo a razão principal para vermos a sua película, em cuja fixa técnica se nos impunha Daniel Taradash como responsável do cenário cinematográfico, o argumentista de *O Primeiro amor de Napoleão e Até à Eternidade*, e ainda um George Dunning, responsável pelo fundo musical. Além do mais o filme inspirava-se na obra PICNIC, de William Ince, um autor literário que tem muito que se lhe diga.

Assim documentados não tememos pela qualidade de obra, produzida por Fred Kuhimar, para a Columbia, que nos tem dado em cinemoscópio belos e grandiosos filmes.

«PIQUENIQUE» é o que se pode chamar uma maravilha ao ponto de considerarmos o filme de Joshua Logan foi, para nós, uma notável revelação, uma revelação em toda a linha da linguagem cinematográfica.

Ponha-se de parte um ou outro preconceito, quer de ordem social, quer de ordem moral; ponha-se na prateleira do esquecimento ou das coisas pendentes um ou outro sentimento pelo qual o nosso modo de viver se distingue de outro qualquer e não temamos encarar de frente a excelente obra de Joshua. Escandalize-se quem quiser, Joshua Logan fala com verdade, expõe com realidade. Nada na sua obra há a temer, quer no arrebatamento da sua linguagem, quer na força persuasiva do seu tema natural—existencialista—no que o naturalismo tem de mais essencial como experiência e observação da sociabilidade do homem, do qual se nos apresenta na riqueza máxima e no valor mais sazonado das suas duas singulares propriedades que herdou da sua natureza humana: a liberdade e a igualdade. Há, na temática da película americana, uma personalidade filosófica que se abeira bastante das ideias roussenianas, de certo modo animicamente enriquecidas com a beleza e a precisão introspectiva do existencialismo moderno que, no seu entendimento social, aos proporciona dar razão a Luigi Chiari quando afirma que o *realismo não é arte pela arte, mas a arte pela vida: no empenho moral e político e no modo como os artistas participam da revolução que se está operando nesta segunda metade do nosso século.*

De qualquer modo por que possamos entender Joshua Logan, ele entra de maneira assombrosa na *batalha do realismo*, para a qual se orienta e autentica por princípios que lhe garantem o equilíbrio e a coerência do seu contributo artístico, realizando um filme claramente realístico, exprimindo numa consciência, analisando uma sociedade, impondo uma constante humana—social—individual que é bem justa a angulação dum realidade do nosso tempo, embora o cinema e o ambiente nos seja situado em Neewollah, no Estado do Texas, onde decorre, integralmente em exteriores lindíssimos, a acção do filme.

Panoramicamente é assim que identificamos Joshua Logan. Mas o seu filme—soberbo de beleza e de conteúdo, arrebatador porque nos diz dum estilo vigoroso, onde cintila a graça fugia dum misticismo verbal—é um admirável microscópio do humano, na sua grandeza individual, que nos revela o ser humano, não como bom ou mau segundo o meio em que se destina a sua existência, mas sim como um elemento moral de grande capacidade de adaptação sem, no entanto, perder a personalidade e a intuição que tem para viver a sua vida como ser humano. Todos os personagens nos são descritos por um processo narrativo brilhante e numa precisão matemática onde uma

Ideias e Pensamentos

Um assunto vasto não é, necessariamente, um grande assunto. O que é preciso, para o Cinema, é que o argumento traga em si, em potência, bastantes imagens fortes, para inspirar aquelas que o realizador tem de criar. Para tal, não é indispensável utilizar dez mil pessoas, cidades antigas em cartão, «o bric-à-brac» de certas «produções» estrangeiras. Basta imagens fortes, quere dizer, capazes, por si próprias, de nos fazer pensar.

HENRI PROUST

Produção da Paramount

A Paramount lançou no mercado cinematográfico, para a temporada 1956/1957, os seguintes filmes que trazem todos eles o rótulo de boa qualidade:

OS AMORES DE OMAR KHAYYAM, com Coronel Wilde, dirigido por William Dieterle.

O REI VAGABUNDO, com Kathryn Grayson, dirigido por Michael Curtiz.

A MONTANA, com Spencer Tracy, dirigido por Edward Dmytryk.

ELA AMOU UM BRUTO, com William Holden, co-direcção de William Perlberg e Georges Seaton.

O CAVALHEIRO SOLITARIO, com Jack Palance, dirigido por Henry Levin.

O HOMEM QUE FAZIA CHOVER, com Burt Lancaster, dirigido por Hal Wallis.

ALMAS VIOLENTAS, com Charlton Heston, dirigido por Rudolph Maté.

O GRANDE CARNAVAL, com Kirk Douglas, numa notável direcção de Billy Wilder. (Todos os restantes filmes, com excepção deste último, são em *vistavision*).

vez mais se reconhece o sentido naturalista na sua relação directa e objectiva com o poder cósmico e humano, em que uma coisa e outra, na prodigiosa coerência do filme, nos permite reconhecer, em arte, o poder da poesia.

Joshua Logan foi admirável, excelente, amável, ao dar a todos os personagens aquele singular aspecto de bondade e de ternura, que tornam o filme como um acto de bondade e ternura para aqueles para quem a natureza foi ingrata, quer em dotes físicos, quer em dotes intelectuais. A beleza é contraditória e, muitas vezes, para a reconhecer temos que olhar o que se nos coloca à frente dos olhos no «sentido do contrário».

A personagem que mais nos assombrou foi a de *Rosemary* vivida e majestosamente absorvida pela talentosa e experiente Rosalind Russel. É conveniente pôr em relêvo a importância desta personagem no conteúdo dramático da história, pois que o *climax*, em toda a sua estatura, a ela se subordina. Rosalind Russel, com toda a sua grandeza de artista, é o instrumento principal de todo o valor fílmico de «PIQUENIQUE».

James Wong Howe, operador-chefe, recentemente laureado com o «oscar» pela melhor fotografia em «*Rosa Tatuada*», testemunha-nos em «PIQUENIQUE» inteligência e talento no domínio da câmara, através da qual podemos observar boa fotografia, bom jogo de luz e notável distribuição de cor (na dança entre William Holden e Kim Novak, e no lago, em cujas águas se refletem os balões coloridos que envolvem as lâmpadas). Mas onde Wong mais se evidenciou foi no *ponto morto* e melancólico do filme, no momento do pôr do sol.

O amor domina esta formidável obra cinematográfica. O amor como garantia eterna da juventude sábia e viril, dum juventude que se nos apraz viver e sentir, não deixar perder ou tornar ingloria, passiva. Há juventude sempre que há amor, e há amor sempre que um homem e uma mulher, um rapaz e uma rapariga tenham, ou venham a ter, uma razão para viver.

Uma razão que defina, enfim, a vida, a vida que se terá de aceitar, modesta e humildemente, em qualquer ponto da terra, em Tulsa, por exemplo para onde *Carter e Madge* se dirigem, livres e iguais, identificados um no outro.

Joaquim Monteiro (Jorge)

A encantadora AUDREY HEPBURN

Para todo o espectador o nome de AUDREY HEPBURN ficará eternamente ligado ao



Audrey Hepburn

filme «Sabrina», no qual todos nós podemos avaliar as grandes qualidades da encantadora artista.

Audrey está devotada à gloriosa carreira no cinema, onde o seu nome é já uma luz de notável grandeza.

O seu último filme ou, melhor, a sua última interpretação foi na película de King Vidor, *Guerra e Paz*, que hoje e amanhã podemos ver nos cinemas de Braga.

A foto que publicamos foi-nos enviada directamente da sede da *Paramount*, em Hollywood.

Festival de Cannes

Noticias de Paris dizem que o filme da Paramount «*FUNNY FACE*», com Audrey Hepburn e Fred Astaire, foi escolhido para representar oficialmente o cinema americano no Festival de CANNES.

O filme, cuja música é de George Gershwin e Ira Gershwin, foi dirigido por Stanley Donen, e fazem também parte do elenco Kay Thompson e Michel Auclair. O filme é em *VistaVision* e *Technicolor*.

TRIBUNA do CONCELHO

Para as Festas a Santo António

Lançado o pedido aos nossos leitores para colaborarem nas Festas a Santo António, com o seu donativo, chegaram-nos as primeiras respostas.

Desta maneira se inicia a nossa contribuição para a realização de uns festejos que ajudam a expandir o nome

do nosso concelho.

Assim o compreenderam os abaixo mencionados, bairristas atentos aos problemas da sua terra que trazem no coração e que querem ver lembrada e engrandecida.

São estes os primeiros a dar-nos a sua participação:

Joaquim de Azevedo Macedo, Manaus, 300 cruzeiros.
Manuel de Azevedo Coutinho, Rio Janeiro . . . 150\$00
António de Freitas, Lisboa 100\$00.

CAIRES

No Posto da G.N.R. desta Vila, queixou-se Manuel José Borges, casado, do lugar do Paço, Caires, contra Adelino Ferreira Rodrigues, casado, encarregado de obras, morador no mesmo lugar e freguesia, por este ter agredido um seu filho menor, de nome José Daniel Almeida Borges, a soco, bofetada e procurando arrastá-lo para fora do quintal da residência do queixoso, até onde o perseguiu.

Bouro

Queixou-se no Posto da G.N.R. desta Vila, Manuel José Dias, casado, caidador, do lugar da Obra, contra Amândio de Jesus Vieira, solteiro, proprietário, do mesmo lugar por este no dia 28 de Abril último, o ter agredido com um instrumento que se presume ter sido uma faca e em seguida ter-lhe arremessado com um objecto que presentemente se ignora, produzindo-lhe duas profundas feridas, sendo uma no frontal e outra no couro cabeludo, além de apresentar um golpe no chapéu.

Lago

Uma fásca matou um homem quando sulfatava

Cerca das 16 horas de 2.ª feira passada, andando a sulfatar na quinta do sr. Dr. Gaspar Ribeiro Pereira, no lugar das Cruzes, desta freguesia, Domingos de Oliveira, casado, de 35 anos, caseiro da propriedade, e José Pereira da Silva Campos, também casado, de 33 anos foram atingidos com uma fásca que fulminou o Domingos e deixou assombrado o José. Este conduzido ao Hospital de S. Marcos em Braga, pela ambulância dos Bombeiros Voluntários de Braga, foi ali verificado não inspirar cuidado o seu estado, tendo já na 3.ª feira

Manuel da Paixão Terroso Gomes

Por ter terminado o sexénio como chefe da Secção de Finanças deste concelho, foi transferido para a Secção de Finanças da Meda, o sr. Manuel da Paixão Terroso Gomes.

Funcionário distinto que aqui serviu com muito zelo e aprumo angariou grande número de amizades entre todos os que tiveram de privar com ele, pessoal ou oficialmente.

Condescendente e justo soube sempre contemporizar os interesses da Fazenda Nacional com os dos contribuintes tornando a contribuição, tanto quanto possível, humana.

O melhor que se pode dizer do digno funcionário que agora nos deixa é de que não deixa inimigos e, pelo contrário, deixa em cada um um amigo e admirador.

Chefe de família exemplar, homem de bem, tratamento cortês, a sua repartição encontrava-se sempre aberta para todos os esclarecimentos e atenções.

Na Vila em que vai servir certamente que conseguirá cativar as mesmas atenções e ser igualmente justo e ponderado continuando uma carreira que deixa saudades em todas as terras por onde passa.

Os nossos votos muito sinceros são de que seja muito feliz nas suas funções e na sua vida particular.

Notícias pessoais

Desde a semana finda que se encontra entre nós, no gozo de merecidas férias, o sr. Plácido Antunes de Almeida, sócio da importante firma Martins & Almeida, de Luanda, e nosso prezado amigo. Desejamos-lhe muitas felicidades e que se divirta muito na nossa e sua terra natal.

recolhido a sua casa.

O funeral do Domingos de Oliveira, que deixa viúva e 4 filhos menores, efectuou-se na 4.ª feira pelas 9 horas para o cemitério de Lago.

BOURO

Imponente Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia

Realizou-se no passado Domingo dia 28, uma Grandiosa Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia, que foi mais uma jornada de fé e amor por esta Milagrosa Senhora.

Na Peregrinação tomaram parte associações religiosas de diversas freguesias do Arciprestado e nela foi conduzida a Imagem da Virgem Senhora da Abadia, que se encontrava na Igreja de Bouro desde o dia do Cortejo.

Logo ao romper da aurora, uma salva de tiros anunciou a grande festa a realizar.

Através da Aparelhagem Sonora fez-se a necessária propaganda.

Principia a aglomerar-se no Largo do Terreiro elevado número de pessoas, aguardando a saída da Peregrinação, para nela se incorporarem.

Eram cerca de 10 horas, quando uma girândula de foguetes

anunciou a partida da Peregrinação que havia de seguir para o Santuário da Virgem Senhora da Abadia.

Vê-se agora um grandioso cortejo de povo que ocupa toda a estrada numa extensão bastante longa.

A Banda Musical de Bouro, acompanha a peregrinação, exibindo diversas marchas religiosas, ao tom das quais o povo canta versos à Senhora da Abadia.

Por volta do meio dia, principia o cortejo a entrar no Terreiro da Abadia e houve-se neste momento uma dúzia de fortíssimos foguetes, oferecidos por um grupo de rapazes que trabalham nos Serviços Florestais.

A Peregrinação entra no Santuário e vai dentro de momentos celebrar-se a Santa Missa.

Entretanto, continua a chegar povo de todos os lados, utilizando diferentes meios de transporte.

As carreiras eventuais chegam com lotação esgotada e oferece-nos agora o Terreiro de Abadia um aspecto maravilhoso, quasi repleto de povo, que com tanta fé subiu até junto da Virgem Senhora da Abadia.

Uma Missa Cantada a Grande Instrumental, foi celebrada pelo R.º Padre Manuel Matias do Lago e Costa, Pároco de Bouro e Arcipeste de Amares, e encarregado do Sermão o distinto orador R.º Alfredo da Rocha, Digníssimo Prior de Barcelos, fez uma brilhante alocução na qual inalteceu a generosidade das Graças da Virgem Senhora da Abadia e procurou incutir na ideia de todos os presentes, o amor e devoção que tão Milagrosa Senhora merece.

No final da Santa Missa, realizou-se a habitual precissão, não tomando parte nela a Imagem da Senhora da Abadia, devido ao mau tempo que se fazia sentir.

Ficou assim bem assinalada mais uma jornada de fé, amor e devoção pela Milagrosa Senhora da Abadia, e estamos certos que iria muito mais além, se não fosse a chuva que por volta das 13 horas nos veio apoquentar.

Está de parabens a Ex.ªma Confraria, que vê coroada de êxito as suas iniciativas.

Que o bom povo não perca a sua crença e que a fé seja cada vez maior, para que a Milagrosa Senhora da Abadia volte a gozar os seus dias de florescência.

A. Fernandes

Anunciai na

«Tribuna Livre»

NECROLOGIA

Falecimentos

Na freguesia de Dornelas—O Sr. Manuel da Costa e Silva, com 29 anos de idade, no passado dia 25 do mês findo;

Na freguesia de Lago—O Sr. Domingos de Oliveira, com 36 anos de idade, no passado dia 29 do mês findo.

Novos Assinantes

Do nosso ilustre assinante no Rio de Janeiro Sr. Delfim Gonçalves Marques, recebemos uma carta pedindo a inscrição do Sr. Augusto José de Sousa, que é natural de Saramil e actualmente no Rio de Janeiro, para novo assinante.

Os nossos vivos agradecimentos pela indicação e palavras que teve a gentileza de nos dirigir e contamos, na verdade, com a vossa companhia de novos assinantes.

Mais uma vez o nosso estimado assinante Sr. Francisco da Silva Miranda, de Lisboa, tem a amabilidade de nos indicar para novo assinante o Sr. António Gonçalves da Silva, natural de S.ª Isabel e actualmente em Lisboa.

Com todo o prazer inscrevemos e daqui lhe expressamos os nossos reconhecimentos.

(Continua na 4.ª pagina)

HUMORISMO

Conversando

—Qual é a sua profissão?

—Cobrador.

—É sempre mal recebido nas suas costúmdas visitas?

—Pelo contrário. Quase todos me convidam a voltar...

...De vez em quando

Um petiz de 6 anos ao ir pela primeira vez à praia viu um vapor.

—Olha, mamã, olha! Um combóio a tomar banho!

No barbeiro

—Se o senhor quer cortar o cabelo faça o favor de tirar o chapéu!

—Arranje como puder, tirar o chapéu é que não tiro... Já dumavez trocaram-mo e doutra vez roubaram-mo...

Os iniciados no crime e a campanha de acção social

Continuação da 1.ª página)

relevantes na fraternidade humana, entre nós havia-se posto mais cuidado na inspiração dos textos legais, do que na materialização da lei prisional.

Actualmente procura-se dar plena satisfação às reformas prisionais, com vista especialmente à reabilitação gradual do delinquente, que dentro do mais louvável espírito de justiça social, preocupa os governantes.

Além das cadeias gerais denominadas comarcãs, centrais e penitenciárias—para crimes, respectivamente, de 3 meses, superiores a 3 meses e pena maior—estão projectadas e algumas já em funcionamento, as prisões especiais que darão plena satisfação ao ensino, ao trabalho, à assistência moral e sanitária devidos aos encarcerados, tais como: prisões-escolas, prisões-sanatórios, prisões-hospitais, prisões-maternidades e prisões asilos para anormais, prisões para criminosos de difícil correção, colónias penais no ultramar para o mesmo efeito, prisões e colónias penais para criminosos políticos e ainda para menores: refúgios, reformatórios, colónias correcionais, prisões-escolas, etc.

Os degenerados, os alcoólicos, os impulsivos e neurasténicos, os débeis mentais e os psicópatas, terão nesta rede científica prisional os meios de reabilitação que se julgem adequados à sua recuperação para a sociedade que os havia perdido e na qual haviam sido elementos de acentuada perturbação.

Grande missão esta, em que a par de um verdadeiro espírito cristão do pessoal, tem de ser posta à prova toda a ciência criminal de que fazem parte não só o direito criminal, mas a sociologia e a psicologia, de que este pessoal especializado terá de ter seguros conhecimentos para que a sua humanitária função possa produzir o maior rendimento.

Havemos de concordar que tanto neste, como em muitos outros campos de acção social, falta pessoal habilitado naquela medida que seria para desejar e, por mais depressa que se ande em preparação profissional tão delicada, ainda estamos distantes, mesmo muito distantes, de conseguirmos obter o ideal neste importante sector da vida nacional.

Más para que todo o trabalho de regeneração do delinquente não redunde em pura perda, quando se integrar novamente no meio social de onde proveio, será ainda necessário, como se prevê, a criação de instituições pós-carcerárias. E na procura de trabalho para o novo cidadão útil e na sua adaptação à vida honesta em sociedade, sem perigo de recaída, há ainda uma soma imensa de trabalho educativo.

Assim, pudemos ver o quanto evoluiu, efectivamente, o sistema prisional e que influência teve na lei criminal a pena de prisão, que substituiu os desumanos métodos usados ainda no século XVIII com todos os requintes de horror, como sucedeu entre nós na execução dos Távoras e nos bárbaros autos de fé, e ainda noutras degradantes cenas em que a justiça se sujava de sangue, quantas vezes inocente.

Porém, nesta época de ressurgimento, em que a par da ciência e da técnica evoluem os sentimentos humanitários, também os métodos sociais de valorização da pessoa humana, como mesmo entre nós aconteceu ao lançar-se a Campanha de Formação Social, devem activar-se e com eles encontrar novos rumos que conduzam à recuperação do criminoso como elemento útil à sociedade. A criteriosa aplicação da pena exercerá influência decisiva na vida da juventude que se dei-

xe arrastar à prática do primeiro crime.

Do mesmo modo como se passou da pura e simples pena corporal à clausura, única forma correcional entre nós e que bem aproveitada poderá dar excelentes resultados, como vimos, na regeneração dos reincidentes no crime, devemos certamente encaminhar-nos para a generalização das penas de liberdade condicional, especialmente para os iniciados no crime, em que na maior parte dos casos cai, inadvertidamente a juventude, por deficiência do meio social em que vive. Não nos referimos à simples pena suspensa que vulgarmente se aplica nos nossos tribunais, sem outra influência sobre o delinquente que não seja a preocupação de não reincidir dentro do período marcado, espécie de intimidação, que embora tenha dado bons resultados em casos banais, não produzirá efeitos seguros em casos graves.

Mais amplas perspectivas se nos afiguram possíveis e necessárias.

A vida de um criminoso primário, deveria ser estudada em pormenor pelo pessoal encarregado da vigilância—

por assistentes sociais por exemplo—e sentenciada a liberdade condicional seriam exercidos sobre o vigiado os mesmos cuidados de adaptação e auxílio que se projectam para as instituições pós-carcerárias.

Na América do Norte os «oficiais de vigilância» têm cursos universitários e habilitação do serviço social, além de qualidades inactas que lhes permitem no desempenho da sua alta missão, forte ascendente sobre os vigiados, tornando-se por vezes seus futuros amigos, em que os regenerados depositam toda a confiança.

E digamos, com toda a sinceridade, que não vemos melhor campo de acção para os serviços sociais do que este da reabilitação de delinquentes.

No exercício desta importante missão, o assistente pode mesmo vir a destruir o ninho onde se criou o germe do crime e que provocaria futuros deslizes na vida social do meio em que vive o vigiado. O crime seria afinal a melhor pista de que se poderia servir a assistência social para uma acção profíqua, particularmente proveitosa.

Não queremos terminar sem apresentar a opinião segura de um magistrado sobre a matéria.

O Dr. Irving Ben Cooper, Juiz em Nova Iorque, cita três grupos de delinquentes primários: o primeiro grupo, compreendendo 1/3 da totalidade, é constituído por jovens despreocupados que esbarram no desastre, os quais são de fácil regeneração; o segundo grupo, que constitui 50%, é impellido por temperamento, por problemas familiares e pressões de ambiente, reabilitáveis se forem guiados e estimulados com simpatia e mediante um paciente auxílio de muitos meses; o terceiro grupo, apenas de 15%, é aparentemente incorrigível e zomba de qualquer mostra de clemência e de todas as oportunidades que se lhe oferecem. Para estes, diz ainda o Dr. Cooper, a prisão é o único remédio, enquanto se não descobrir tratamento psiquiátrico ou de outra espécie, que permita salvá-los.

Não é difícil adivinhar que, com eficaz serviço social, poder-se-ia evitar, frequentemente, com as maiores vantagens, a pena de prisão, que em tantíssimos casos, por mal orientada, serviu já de escola do crime, com nefastas consequências na propagação da delinquência, em vez de exterminá-la. Não pretendamos formar criminosos, para mais tarde os irmos depurar nos estabelecimentos prisionais, quando condenados em prisão maior!

É pena que este sério assunto não tenha sido posto com a elevação que merece e que a nossa pena não lhe pôde emprestar, mas que nos pareceu oportuno trazer a lume, nesta altura em que os problemas sociais tanto necessitam de ser ventilados, com o rumo a um Portugal cada vez melhor. EME

SOMA E SEGUE

(Continuação da 1.ª página)

Há dias, ladeados por pessoas da melhor categoria social e intelectual, ouvimos falar dos casos de Amares.

Alguns, comedidos, sensatos, prudentes, diziam que, possivelmente, haveria uma explicação, pelo menos atenuante para os casos, pois caso contrário...

E quedavam-se aqui como que a dizer-nos que, caso contrário, teria caído o Carmo e a Trindade.

Sentiram-se como envergonhados porque no caso mais grave há documentos que não deixam dúvidas; um dos mais prudentes perdeu a linha num segundo, esqueceu-se da responsabilidade das suas afirmações e disse: não se admite, isto é vexatório, isto é escandaloso.

Pois é, meu caro, mas há mais e mais grave e não caiu nem o Carmo, e nem a Trindade, e os nossos cabelos continuam a esbranquiçar.

Como havemos de inaugurar obras se custa mais adquirir licença para as fazer do que fazê-las efectivamente?

Pois se as participações pedidas por certas entidades são recolhidas porque o município a isso conduz?

Têm ao menos "idoneidade intelectual" e o resto... é conosco.

Os noivos do altarzinho roxo

(Continuação da 5.ª página)

bre o altar roxo. O silêncio era quase absoluto. Só um ritmado murmúrio das folhas duma palmeira, embaladas ao alegre gorgoejo dum passarinho, quebrava a monotonia daquela solidão. Por fim, procurou afastar-se sem ela dar por isso, e desapareceu numa curva do caminho. Sentia-se oprimido e pensava já numa reforma de vida. Defacto, no dia seguinte confessou-se, e pediu ao confessor que comunicasse a Palmira o seu estado e desejos.

Passados dois meses, aquele mesmo sacerdote unia-os pelo matrimónio indissolúvel, que produziu irmãos santos membros da Igreja Católica.

Agostinho de Jesus.

Novos assinantes

(Continuação da 3.ª página)

Ao dar-nos a honra de se inscrever como novo assinante, o Sr. P. de Alvino José Fernandes, de Sobradelo da Gama, Póvoa de Lanhoso, indicou-nos mais os Srs. P. de Manuel Barbosa de Castro, de Vieira do Minho, Agostinho, João Fernandes de Almeida, também de Vieira do Minho e Dr. Armeno Vieira Leite de Rossas.

A todos com muito prazer os inscrevemos e já lhe enviaremos o presente número.

UMA MENSAGEM

(Continuação da 1.ª página)

esta directriz não fôr desmentida. É esta a nossa mensagem.

J. M.

Mensagem dirigida pelos semanários católicos e nacionalistas a Sua Ex.ª o Snr. Ministro da Presidência

Senhor Ministro:

Nas várias terras deste Distrito, por excelência portugueses, militam em prol de ideias bem definidas alguns órgãos de imprensa regionalista que periodicamente costumam reunir-se em conferência, acompanhando, assim, melhor e de mais ampla maneira, a vida pública da região e do País.

Temos, na mão, nós os responsáveis, a informação e, consequentemente, aquela lenta mas progressiva formação política social de numerosas massas de população regional, onde, todos sabem, não chegam os jornais diários. Esta certeza, se, por um lado, nos cria responsabilidades a que não temos procurado furtar nossos ombros, por outro, proporciona-nos a satisfação de podermos contribuir, de forma eficiente e decisiva, para o bem estar dos povos e para a grande obra de recuperação que temos de não deixar esmorecer e até de certa renovação que se impõe.

A imprensa regional de Braga, por circunstância feliz toda dirigida ou vivificada por elementos novos—aliás, no integral sentido do termo, novos porque plenos de vida, de

boa-vontade e espírito arejado e actual—não podia estar ausente, nesta hora, sobretudo porque interpreta esta homenagem como preito de justiça e afirmação de solidariedade ao HOMEM que, nos altos postos da governança, tem sido a presença viva da nossa ansia de rovenação e compreensivamente tem recebido e até estimulado a cooperação e boa-vontade dos novos.

A nossa presença, Senhor Professor Marcelo Caetano, tem este sentido.

São nossos votos que V. Ex.ª possa, por longo tempo, prestar o seu decisivo contributo para total efectivação da obra que é preciso prosseguir e intensificar.

Para isso estamos presentes:

Assinaram esta mensagem os seguintes jornais:

- «Tribuna Livre»;
- «Jornal de Barcelos»;
- «O Cávado»;
- «Povo de Fafe»;
- «O Conquistador»;
- «Vilaverdense»;
- «Póvoa de Lanhoso»;
- «O Barcelense»;
- «Jornal de Famalicão»;
- «Estrela do Minho»;
- «Noticias de Famalicão»;
- «Comércio de Guimarães»;
- «Noticias de Guimarães»;

Tribuna Desportiva

Notas de reportagem do jogo Sporting de Braga—Coruchense

Debaixo de tempo chuvoso, disputou-se no passado domingo, mais um encontro para a fase final deste longo campeonato da II divisão.

Embora o estado do tempo tivesse prejudicado este prélio, quer na parte técnica do desafio, quer na afluência de espectadores, o certo é que a pugna teve por vezes motivos de agrado. O jogo decorreu normalmente, embora o terreno não permitisse a boa actuação dos jogadores, notando-se até melhor adaptação nos homens de Coruche, que estranharam menos o estado escorregadio do terreno.

Na primeira parte e até aos 31 minutos o marcador não funcionou, só após este espaço de tempo a equipa da casa passou a vencedora, chegando ao intervalo com 2-0 de vantagem, embora o adversário tivesse dado sempre boa réplica.

Recomeçada a partida, os jogadores continuaram a lutar com muitas dificuldades, pois a chuva caíra até cerca da última vintena de minutos do final, o que prejudicou sobremaneira os sectores atacantes desperdiçando boas oportunidades de marcar, mas com mais frequência os avançados locais.

Depois de sucessivas insistências dos Brajeses aos 23 minutos foi marcado o 3.º golo por intermédio de Baptista,

e, a 3 minutos do final foi fixado o resultado com um magnífico golo de F. Mendonça que fez o 4-0 a favor da equipa minhota.

Na turma de Braga salientaram-se Cesário, com algumas intervenções decisivas, José Maria I e Velez, tendo os restantes elementos actuado abaixo das suas possibilidades.

No Coruchense destacou-se o avançado Armando que teve pouca sorte em diversos lances procurando sempre servir em boas condições os seus colegas atacantes, obrigado por vezes os defesas locais a trabalho difícil.

O guarda-redes Vieira apesar de ter sofrido dois golos com culpas, ainda nos ofereceu algumas defesas dignas de registo, fazendo com que a sua equipa não sofresse maior punição, o que também não seria justo pois o Coruchense demonstrou possibilidades e brio.

A arbitragem do senhor Alvaro Rodrigues, de Coimbra, embora facilitada pelo desenrolar da partida, foi regular.
A. F.

O nosso jornal, ao Do-

mingo, é vendido na Pen-

são Central a 'Petisqueira,

Os noivos do altarzinho roxo

Palmira e Francisco estimavam-se mutuamente. Sentiam bem as afinidades e concordâncias das suas ideias e talvez formassem em breve um novo lar. Gozavam da elegância dos espiritos joviais, no porte e nas feições. Havia até quem gostasse de os ver, à tardinha, passear pela brisa fresca ou embeber-se nas trémulas oscilações solares.

Estava-se na Semana Santa. Palmira desce lentamente as escadas de pedra. Dobrado sobre o braço, traz um lenço preto. No seu aspecto, espelham-se os reflexos dum espirito místico, aformoseando os olhos modestos.

Ao fundo das escadas o Francisco ascendia um cigarro.

—Por que trazes o len-

ço preto, Palmira? Andas de luto?

—Sim, e realmente para os Católicos a semana Santa é de autêntico luto.

—Nunca se deve enlutar o porte gracioso e elegante, a uma rapariga nova!

Palmira poucas palavras respondeu, porque ia recolhida na soledade da Paixão, que tão devotamente se celebrava na sua terra. Passo após passo, chegaram à escadaria da igreja. O Francisco ainda não tinha percebido o negócio, que a chamava à rua; julgava que ela fosse a alguma compra, a um recado...

Quando, porém, a viu em purrar subtilmente a porta do templo, retirou-se. Era indiferente em matéria religiosa.

A rapariga estendeu-lhe uns olhos maguados. Amava muito o Francisco mas não, não formaria um lar, em que o berço não fosse embalado ao som da música religiosa, do Catolicismo.

—Seria um berço frio e as crianças gelariam. Repetia ela, com graça.

A seguir, voltou-se para o altar e pediu a Jesus que convertesse o noivo. Terminadas as cerimónias, saiu; mas o Francisco não estava pelo Terreiro e ela foi direita a casa. Como ele costumava, ao pôr do sol, ir visitá-la para conversar um pouco, sobre a amena frescura das escadas de pedra, naquela tarde também não devia tardar. Resolveu incitá-lo a mudar de vida: Levantou, no patamar, um altarzinho com panos roxos e colocou em cima um crucifixo.

Ao lado escreveu num papel:—«Assim quero eu que o meu futuro lar, seja um altar onde se ore. Aquele rapaz que se julgar absolutamente apto a erguer comigo um autêntico lar cristão, poderá receber a minha mão». Depois ajoelhou-se, enrolou o terço nas mãos e ficou meditando na santa Paixão de Nosso Senhor.

Momentos depois chegava o Francisco. Examinou de longe o altar e leu o papel. Mas, entretanto, a rapariga continuava absorpta nos seus pensamentos. O rapaz foi varado por um espeto de vergonha e deteve-se imóvel, alargando os olhos sobre os cabelos loiro da donzela e so-

(Continua na 4.ª página)

UM NINHO

Ali, numa roseira, está um ninho
Que do comêço aparelhar eu vi.
Felgas e penas, para o seu alinhio,
Dois melros transportavam para ali.

De momento a momento, ao escaninho.
Que não se pode aperceber d' aqui.
Chegavam para logo de mansinho
Irem em busca d' outras, por aí.

Entre espinhos e rosas, construido,
Dá gosto vê-lo hoje ali metido
Desafiando o sol e as nortadas.

Agora, enquanto a fêmea choca os ovos,
Está, num choupo entre os rebentos novos,
O macho assobiando às gargalhadas.

UERBA

sempre um lugar de honra na nossa casa, nos nossos corações, e nunca serão um empecilho à felicidade da nossa vida conjugal!

—Depois voltaremos a falar nisso.

Agora o que é preciso é preparares com cuidado e carinho o lar para receberes a tua linda e graciosa pombinha, afim de a rodeares de todas as atenções e amabilidades.

Ela já sabe que arrendaste a quinta do Vale?

—Ainda não, pois vim direito a casa depois de chegar a um acordo com o Morgado.

Só mais logo é que eu penso contar-lhe o que há e estou certo que vai ficar radiante, pois a quinta do Vale tem para ela uma certa sedução por ficar, relativamente próximo da casa dos pais.

—Então vai pô-la ao corrente do que se passa, senão ela pode melindrar-se, pois não há razão para demorares essas boas novas que ela espera com ansiedade.

—Tencionava ir lá, depois de por o pai ao facto de tudo.

—Obrigado pela tua atenção e agora vai combinar com a Maria Teresa o vosso futuro.

Nós os pais, pelo amor que temos aos filhos, estamos sempre de acordo com eles no que diz respeito ao que constitue a sua felicidade e não nos zangamos por sermos os últimos a ser postos ao corrente do que se passa.

—Até logo meu pai; vou cumprir o seu desejo e seguir o seu conselho.

—Até logo, meu filho, e diz à Maria Teresa que eu e a tua mãe gostamos imenso de a ter como nora.

Que não tenha pena de deixar a casa dos pais visto que melhora, pois, em vez de uma terá três: a dos pais, a dela e do marido e a dos sogros.

—Por ela, muito obrigado!

O José do Outeiro foi imediatamente a casa da noiva e encontrou-a a dar a razão ao gado, toda satisfeita, a cantar na sua linda maviosa voz de oiro.

—Boa tarde, cachopala!

—Olá, boa tarde, cachopala!

—Trago-te uma boa novidade... e fresquinha como uma alface!

—Ah! sim?

(Continua)

Folhetim da "Tribuna Livre,, 19

SEMPRE NOIVOS

(Recordação do Minho—Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

E à medida que fores economizando vai reembolsando o teu padrinho e ficas com os animais como legítima propriedade tua, que é.

—Foi, precisamente, o que eu e êle combinamos.

O padrinho vai ser o meu poderoso auxiliar, não só no gado, como em tudo.

É, de facto, uma excelente pessoa.

É um dos melhores homens cá da terra.

Não há ninguém que lhe bata à porta que não seja servido.

Não se encontra outro assim, que eu saiba, em todo o concelho.

—Agora outra coisa:

Eu não me esqueci dos meus queridos pais ao organizar a minha vida.

Antes de marcar, com a Maria Teresa, o nosso casamento quero dizer-lhe que o meu pai e a minha mãe, se estiverem de acordo, vão para a nossa companhia.

É que eu, assim, não me custava tanto deixar a sua casa e amar-tizava, ao mesmo tempo, uma dívida que nunca poderei pagar integralmente—a dívida de tudo quanto fizeram por mim.

—Não, meu rapaz.

Agradecemos a tua lembrança, mas quando a gente nova se casa o que quer é viver só e à vontade, sem testemunhas inoportunas.

Eu também fui novo, também me casei, também gostei de viver só com a minha adorada mulher, a tua mãe, que era, nesse tempo, como é hoje a tua noiva, uma linda e alegre camponesa.

Os primeiros anos de casados reclamavam o «só tu e eu e mais ninguém».

—Os meus pais, e os meus pais da minha futura mulher, têm

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

todo uno, limitado por barreiras naturais que o conformam e ter herdado as fundas tradições de uma cabeça administrativa, cuja hegemonia se situa para lá dos primórdios da Nacionalidade.

A presente situação a mesma coisa é que sujeitar na propecta idade, ao filho o pai, o que equivale a viver sem a merecida honra.

BOURO E RENDUFE

Ruínas

IV

As últimas gerações de Entre-Homem e Cávado podem por momentos recolher-se, da sua habitual distração e aparente indiferença, a auscultar os ecos distantes que ressoaram pelas paredes agora descobertas e frias, mudas e esburacadas; a meditar no desmoronamento de passada grandeza, de que é certo nem conheceram sequer os mais recentes fulgores já mortifícios, e mal podem conceber ideia das actividades da inteligência e do espírito aí longa e invariavelmente exercidas, durante séculos, de quadros e cenas místicas de que foram teatro esses sagrados recintos ainda hoje crescem arbustos e ervas bravas entre muros em derrucada.

Podem, no entanto, ter a certeza de que sob as lágeas dos pavimentos, debaixo das arcadas de claústros, que já perdem equilíbrio e a primitiva linha arquitectónica, repousam saudosamente, na confusão das coisas mortais, clamando justiça, as cinzas de quantos foram protagonistas de eternos e inolvidáveis episódios da vida humana, se bem que bastante desprezados e esquecidos ante o predomínio da materialidade que assoberba os homens.

Rendufe e Bouro, nos dois polos das terras de Entre-Homem e Cávado, marcam os extremos de um traço de união à volta do qual girou, por espaços de séculos a vida e o destino de povos sufragâneos; porventura uma boa parte dos próprios desígnios que inspiraram os movimentos de força e expansão que agitou as populações de Entre-Minho e Douro numa época em que foram decisivas as suas inabaláveis aspirações de autonomia e independência, em tempo e lugares que a Providência talhou para serem pontos de apoio de ousados empreendimentos, com certeza uma quota parte das grandezas e das glórias nacionais nas letras, na agricultura, nas artes, que dimanaram da sabedoria e da virtude lado a lado cultivadas no silêncio do claustro.

* * *

De entre uns penhascos em fundo vale dos montes da Abadia, aonde A tinham levado mãos piedosas afim de poupá-la à fúria devastadora das turbas agarenas, a imagem de Santa Maria, nome que a Cristandade peninsular opôs como barreira intransponível à invasão muçulmana, mostra-se a um ermitão que a desulada viúva ali atraira, desiludido das grandezas da terra, para se entregar só às munificências do céu pela oração e pela penitência, como a significar-lhe que já era oportuno sair daquele esconderijo à terra onde de novo ia brilhar o sol da ansiada liberdade.

Pondere-se bem que este é um dos lugares mais sacrosantos da Pátria, pela força dos tempos e das circunstâncias que, segundo a firme tradição, levaram o rei Fundador e os Portugueses do século XII, em arrancadas sublimes, de Ourique a Vale-de-Vez, uma vez que a política portugalense inesperadamente se agitou e saiu do marasmo a que parecia condenada nos paços de Guimarães.

Pela força dessas mesmas circunstâncias e dos lugares que foram teatro das primeiras manifestações de patriotismo e esforço guerreiro, Santa Maria de Bouro transcende em prestígio o de Santa Maria de Alcobaça.

Ninguém se iluda que fôsse somente um desgosto de família que levou o brioso cavaleiro a trocar pela estamena grosseira da penitência as armas, quando é certo que elas se deparavam inúteis e até perigosas no enredado jôgo de propotências entre Portugueses e lioneses, de modo a quebrantar o ânimo do próprio conde D. Henrique, muitas vezes disposto a abandonar o campo a seus contrários que efectivamente lhe conquistaram o lugar até no coração da rainha viúva que deixara.

Um gesto de abnegado desprendimento arrastou-o ali, a esperar resignadamente a transformação da consciência política de seus antigos companheiros de lides guerreiras; todos ficaram sensacionalmente com os olhos postos naquele lugar alto e agreste das montanhas de Bouro, aonde, renunciando de direitos e prerrogativas iguais aos seus, se recolhera do tumulto do mundo um poderoso da terra.

(Continua no próximo número)

Tribuna de VILA VERDE

Sociedade de Educação e Recreio de Vila Verde

No nosso N.º 65 de 30 de Março passado, demos a notícia de que tinham começado as obras para a casa da Sede de Educação e Recreio.

Poucos dias depois foram as mesmas obras suspensas em virtude do Ex.mo Presidente da Câmara nos dar mais terreno e ter-mos de elaborar novo projecto para alargamento do referido prédio.

Submetido o assunto ao Ex.mo Arquitecto Sr. Francisco Augusto, este foi de opinião que se modificasse a planta permissiva e apresentou novo projecto, a todos os títulos muito superior em área e de linhas areodinâmicas tais, que vila verde vai ufanar-se de ficar com mais uma unidade urbana de primeira grandeza.

EDITAL

Doutor Alfredo de Abreu Valença, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Amares

Faz saber, nos termos do disposto no artigo 18.º da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que pelo espaço de 10 dias se acha patente na Secretaria da Câmara, para efeito de reclamação, o recenseamento geral do concelho para a eleição do Presidente da República e da Assembleia Nacional.

Da inscrição ou omissão daqueles que hajam requerido a sua inscrição ou devessem ser inscritos officiosamente pode o interessado ou qualquer eleitor recenseado no ano antecedente reclamar até 10 de Maio, para o Presidente da Câmara Municipal.

A reclamação deve ser assinada pelo reclamante ou por seu procurador, com a assinatura reconhecida por notário, e será logo instruída com os documentos que lhe sirvam de prova, os quais não poderão ser juntos posteriormente.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Secretaria da Câmara Municipal de Amares, 30 de Abril de 1957.

O Chefe da Secretaria da Câmara

Doutor Alfredo de Abreu Valença

É mais cara um pouco a obra, mas ao menos é uma obra acabada e com ajuda de Deus tudo há-de correr pelo melhor. Houve quem se lembrasse da sua construção por administração directa e era essa a opinião do Sr. Arquitecto. Porém, a comissão, entendeu e muito bem, que a referida obra fosse posta a concurso para o que foram convidados vários construtores a apresentar as suas propostas que, depois de recolhidas as mesmas se procedeu à sua abertura, recaindo a taluda na proposta do Sr. João Aparício de Oliveira, que se comprometeu executar as fundações e elevação do prédio com a mão de obra da parte alta do telhado pela quantia de 62.320\$00, proposta mais baixa do concurso com o compromisso de começar as obras no dia 29, o que de facto aconteceu.

Oxalá a Comissão Central Pró-Sociedade de Educação e Recreio, veja em breve os seus esforços coroados de êxito.

Assim, fica o assunto esclarecido para socego dos fracos espiritos, pois podem ter a certeza que a obra é uma realidade e que acabou o mal-estar dos que, com as suas atitudes deselegantes mediam as suas atitudes pelas atitudes dos

outros.

E foi bom que assim acontecesse para ver se se acaba de uma vez para sempre, com a pestilente *coscuvilhece* que serve só para enterrar o progresso da nossa terra digna de melhor sorte.

Temos já, aqui, neste semanário, pugnado por coesão absoluta dos valores desta terra, para que reulegem para segundo plano as suas divergências—muito embora com discriminações—e trabalhem afinadamente em prol da nossa terra, onde nascemos.

Bem sei que estamos a clamar no deserto, mas ao menos fica-nos a consolação de bem servir e, de repetir aquilo que prometemos ao aceitar este Posto de Combate.

Não agradar a Gregos nem atroiamos; dizer a verdade e acicatar os que o merecerem, doa a quem doer.

Bem sei que não nascemos para indireitar o mundo; mas se todos tivessem um pouco de boa vontade, o mal seria menor.

Acabe-se com a intriga e haja mais homogeneidade e franqueza nos actos que se praticam e assim se atenuará este mal-estar latente que flagela a Humanidade.

D.

Está elaborado, definitivamente, o programa

DAS FESTAS A SANTO ANTÓNIO a realizar de 13 a 16 de Junho

Muita e boa música, atraentes ornamentações, três sessões de fogo, ranchos, divertimentos de vários géneros etc.

As Festas a Santo António irão ter este ano especial brilho como se infere do programa que a respectiva Comissão acaba de elaborar de forma definitiva.

De 13 a 16 de Junho próximo a nossa terra vai ser sacudida pela realização dos grandes festejos que são dos maiores que se realizam no país ao grande Santo.

Sem dúvida, que o programa é completo e nele surgem números atraentes e casos que chamarão a atenção dos milhares de forasteiros que nos costumam visitar.

Duas das melhores Bandas Musicais do Norte—senão as melhores—darão o seu concurso a par da nossa Banda, de ranchos, etc.

O dia 13 é destinado ao pro-

grama religioso e o dia 14 terá como principal número de Feira Franca e Concurso Pecuário.

No dia 15 será inaugurada a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo, realizar-se-á a tradicional Procissão em honra de Santo António, teremos Arraial Minhoto e Sessão de fogo de Artíficio. A Banda dos B. V. de Amares dará um concerto de tarde e outro à noite.

Em 16, dia grande, teremos a presença das Bandas de Vila Verde e da Polícia da Segurança Pública e de uma outra a designar, desafio de futebol, arraial, sessão de fogo, etc.

No próximo número daremos o respectivo programa, em promenor.

Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Gaetano Brandão

Telefone 2526

BRAGA